



editorial

Olga de Sá

A Revista de um grupo de Pesquisa de Estudos pós-graduados em Literatura e Crítica Literária se chamará KALÍOPE.

Que é Kaliope? Segundo o **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**, de Junito Brandão (Vozes, 1991), Kaliope era uma das Musas, normalmente aquela que as comandava e dirigia.

Kalliope é composto de um elemento 'kall' de 'kalos', 'belo' e de 'ops, opós', 'voz'. Kaliope é a que tem uma 'bela voz'.

Ainda, segundo Junito, as Musas, de início, não possuíam uma função específica, mas a partir da época Alexandrina (séc. IV a. C.), cada uma das filhas de Zeus passou a presidir uma criação do espírito humano. Kaliope é apontada tanto como inspiradora da poesia lírica quanto da épica. Em muitas versões, unida ao deus rio Eagro, foi mãe de Orfeu.

Alguns mitólogos asseguram que gerou as Sereias. Ensinou o canto a Aquiles. Funcionou como árbitro entre Afrodite e Perséfone, na disputa por Adonis.

Kalíope é a deusa da Literatura. Principalmente, por isso, a escolhemos como título de nossa Revista.

Este segundo número reúne outros ensaios sobre a narrativa, focalizando: A crise da identidade da narrativa, principalmente em seus elementos considerados constitutivos, pela Crítica em geral.

Apontar que existe uma crise de identidade na narrativa moderna e contemporânea não é difícil, pois ela se manifesta na estrutura das narrativas literárias, cinematográficas, teatrais. Difícil é rastreá-la, identificá-la nos textos, caracterizá-la nas obras e nos autores.

Quando se fala em "identidade", pensa-se imediatamente em "identidade psicológica". E, em decorrência, tratando-se de Literatura, em crise da identidade psicológica de personagens.

Naturalmente, já se pensa em Psicanálise.

Alongando as associações, o sentimento de existir, a continuidade de ser – base da força do ego – tem a ver com o processo de separação – individuação, na diferenciação psíquica entre si e a mãe.

Tudo isso pode ser objeto de análise e crítica literária, tendo o cuidado de resguardar a especificidade da literatura, que não pode estar a serviço de outras áreas do conhecimento, sob pena de perder sua identidade.

Uma estrutura narrativa-romance, novela ou conto – tradicionalmente compõe-se de estruturas menores: episódios e incidentes. O gracejo, o dito, a anedota, a carta, segundo Welck e Warren (1976, p. 270), geraram as mais clássicas estruturas literárias.

Ainda, segundo Welck e Warren, o tempo da narrativa inclui não somente o período total delimitado pela história, mas o tempo da leitura, controlado pelo autor, que faz passar vários anos em meia dúzia de frases e consagra capítulos inteiros a um chá.

A personagem, tradicionalmente, se caracterizava pelo nome. Cada “apelativa” era uma espécie de verificação e individuação. Apareciam também nomes alegóricos. Podia-se apresentar o aspecto físico ou/e analisar sua natureza moral e psicológica.

Havia caracterizações estáticas ou dinâmicas.

Existe hoje, gerada pela mobilidade social intensa, uma instabilidade que leva a pessoa a se dissolver dramaticamente em papéis desenraizados. Além disso, os progressos da ciência e da técnica criam um “sublime tecnológico”, que ameaça a continuidade do ser e o sentimento de existir. Quando a Literatura expressa essas mudanças vertiginosas, as antigas noções de espaço homogêneo e de tempo cronológico são artisticamente questionadas. Encontrando expressões novas para realidades novas, o tempo e o espaço, nas narrativas modernas e contemporâneas, se fragmentam e diluem, ampliam-se e restringem-se, assumindo formas estranhas e até bizarras. É toda uma vivência de angústia no espaço limitado de um pulôver ou no engarrafamento de uma estrada em Paris, como nos contos de Cortázar.

O espaço, paradoxalmente, se espicha e adensa em espaço metafísico; o tempo se condensa em termos de memória e a lembrança já não encontra o espaço de sua saudade, como Proust **Em busca do tempo perdido**.

O enredo se estilhaça em migalhas, em estrela de mil pontas, sem linearidade, sujeito que está às associações caóticas do narrador.

Contos e romances, poemas e crônicas, de tal forma se distanciam de suas características de origem, que nos questionamos se ainda é possível salvar o conceito de gênero. Como declara Clarice Lispector: gênero não me pega mais.

A personagem abandona seus delineamentos pessoais, figurativos e se converte em palavras, em personagem-texto, no dizer de Fernando Segolin.

Essa perspectiva serve de fundamento às abordagens da equipe de pesquisa, desde 2003.

Nem todos apresentam, nesta Revista, seus trabalhos. Mas os ensaios aqui reunidos, embora cada pesquisador aprofunde seu próprio tema, têm como denominador comum o objetivo de analisar a crise de identidade da narrativa, na obra de que trata o pesquisador.

Neste número 2, de *Kaliope*, sob o título "Tempo e esgarçamento da narrativa em Virginia Woolf", Silvia Anspach focaliza a construção da forma narrativa de modo "acronológico", com uma tessitura estético-temporal singular, sobretudo nas obras **To the light house** e **Mrs. Dalloway**. O referencial teórico constitui-se de pensadores como: Octavio Paz, Auerbach, H. Bergson, Urquhart e Peirce.

Cláudia Regina Bergamim em "Ficção contemporânea: as armadilhas do narrador" focaliza a obra **Nove Noites**, de Bernardo Carvalho e trata do narrador que se apresenta como protagonista de sua própria história.

Nove noites é construída a partir de uma estrutura complexa, submetendo-se a uma "multiplicidade de pontos de vista e interpretações".

um pano de fundo filosófico subjaz à fala dos narradores.

"A porta incomunicável: a ruptura do espaço" de Olga de Sá, focaliza um conto de Julio Cartázar **La puerta condenada**.

O elemento estruturador do conto é a oposição verdade (realidade) / mentira, oposição que se desdobra em quatro noites consecutivas, no espaço de um hotel, onde a porta condenada se mantém como eixo das relações oscilantes do protagonista com uma realidade estranha e problemática.

Gerson Tenório dos Santos em "Desconstruindo Sísifo: o tempo kairótico da crônica", objetiva discutir a complexa relação existente na crônica, entre o tempo cronológico e o tempo Kairótico, uma vez que, como gênero curto, leve, despretensioso, a crônica não só flagra o cotidiano das grandes cidades, mas também problematiza nossa angustiante relação com o provisório das ações rotineiras, instaurando momentos de grande lirismo e poesia.

“Algumas considerações sobre a **Metamorfose** de Kafka”, de Daniela Spinelli com base no texto **Anotações sobre Kafka**, de Adorno, visa a fornecer elementos para uma leitura da **Metamorfose**, narrativa que se estrutura a partir de uma aproximação inusitada entre o fantástico e o sentimento de que ele não é estranho à experiência moderna, denunciando sua irracionalidade.

“Não é a monstruosidade que choca, mas a sua naturalidade”.

Rita de Cássia Oliveira Veiga em “Considerações sobre o tempo no romance **Em busca do tempo perdido – no caminho de Swann** de Proust, apresenta o ponto de vista de Ricoeur, segundo o qual o romance focaliza o tempo perdido e o tempo redescoberto. O tempo perdido caracteriza-se pela sensação que o herói transmite de um tempo profundamente voltado para si mesmo; o tempo redescoberto, extra-temporal, apóia-se na essência das coisas descobertas feitas pelo herói, de um ser extra-temporal, que o constitui.

Brutus Abel em “Tensões no romance **O homem sem qualidades**”, focaliza o relativismo moral presente no romance do autor austríaco, Robert Musil, através do percurso espiritual de seu complexo protagonista, o engenheiro e matemático Ulrich.

A narrativa em crise caracteriza o estágio atual dos estudos sobre narrativa. A crise não é tomada em sentido negativo, mas como um estímulo para repensar as categorias narrativas à luz da modernidade. A ruptura é evidente em relação à narrativa “clássica”, que expressa um mundo, onde o espaço e o tempo ainda são concebidos como “realidades” físicas. Na modernidade, tudo se questiona. Até Bauman já criou o conceito de “modernidade líquida”; “liquidez” é signo de fluidez e mudança. Também para a arte de Sherazade.